



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MÁRCIA HELENA NÓBREGA DE MELO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE
LEITORES DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

MÁRCIA HELENA NÓBREGA DE MELO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE
LEITORES DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

M528c

Melo, Márcia Helena Nóbrega de.

A contação de histórias e sua relação com a formação de leitores desde a educação infantil [manuscrito]: / Márcia Helena Nóbrega de Melo. – 2011.

62f.. il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Contação de histórias 3. Desenvolvimento da criança .I. Título.

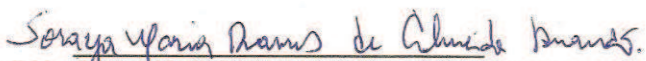
21. ed. CDD 372.24

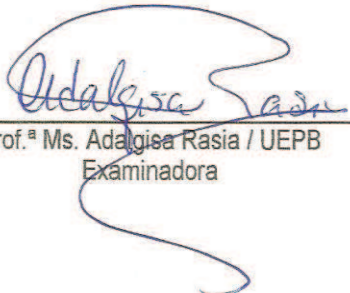
MÁRCIA HELENA NÓBREGA DE MELO

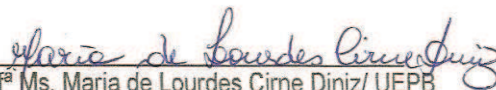
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE
LEITORES DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL.

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovada em 21/11/2011.


Prof.^a Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB
Orientadora


Prof.^a Ms. Adalgisa Rasia / UEPB
Examinadora


Prof.^a Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz / UEPB
Examinadora

A minha querida mãe, Rita Nóbrega da Silva, que representa minha inspiração para realizar todos os meus ideais ao longo da vida. Seu exemplo guerreiro fez com que me tornasse uma pessoa determinada e crente de minhas possibilidades. Essa conquista também é dela.

AGRADECIMENTOS

A Prof^a Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu esposo, Antônio Adriano Rodrigues de Melo, pela compreensão por minha ausência em nosso lar por tantas vezes em que necessitou de mim.

A minha mãe Rita Nóbrega da Silva, pela força e empenho em me ver vencer essa batalha.

As professoras Ms. Adalgisa Rasia e Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz pela disponibilidade em compor minha banca examinadora, e pelo exemplo de amor a educação me dado ao longo do curso.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, de uma forma especial, a amiga Daniela Brito Gomes Tarradt, que foi minha grande companheira ao longo do curso.

A Creche Municipal Vovó Adalgisa César de Almeida, que acolheu meu projeto de pesquisa-ação dentro da instituição com muito carinho.

A todos os amigos e amigas e contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão desse trabalho.

Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada.

Fanny Abramovich

RESUMO

O propósito desse trabalho foi oferecer subsídios para que profissionais da educação possam romper com o tradicionalismo na hora de contar histórias na escola, não pretendendo, com isso, desvalorizar o livro infantil normalizado, mas oferecer alternativas variadas de contato com a história para as crianças pequenas, no sentido de contar e encantar. Para tanto, apresentamos um levantamento das práticas de contação de histórias que foram se eternizando e, ao mesmo tempo, se modificando ao longo dos tempos, buscando um resgate das antigas rodas de histórias orais até as práticas mais modernas dos dias atuais. Em seguida, apresentamos uma fundamentação sobre a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, onde abordamos questões fundamentais para um trabalho de sucesso com a literatura junto as crianças pequenas. E, por fim, apresentamos os resultados de uma pesquisa-ação, com base numa prática de contação de histórias, realizada na turma do Pré – I (manhã) da Creche Municipal Vovó Adalgisa, situada no bairro do Mutirão – CG.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Educação Infantil. Desenvolvimento da criança.

ABSTRACT

The purpose of this work was to provide subsidies for education professionals can break with traditionalism in the telling of stories in school, not intending thereby devalue the standard children's book, but offer alternatives varied contact with the story for young children in order to count and delight. To this end, we present a survey of practices of storytelling that were perpetuating it and at the same time, changed over time, seeking a redemption of old wheels oral histories to the most modern practices of today. Then, we present a rationale about the importance of storytelling to the development of children in kindergarten, where we address issues critical to a successful business literature along with small children. Finally, we present the results of an action research based on a practice of storytelling, held in class Pre - I (am) Grandma's Adalgisa Municipal Nursery, located in the neighborhood of Effort - CG.

KEYWORDS: Story telling. Early Childhood Education. Child development.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 - Relação das histórias conhecidas.....	43
FOTO 2 - Momento da contação.....	45
FOTO 3 - Brincadeira de faz de conta.....	46
FOTO 4 - Momento da contação e brincadeira de faz de conta.....	47
FOTO 5 - Momento da contação.....	49
FOTO 6 - Brincadeira de pescaria.....	50
FOTO 7 - Momento da contação.....	51
FOTO 8 - Degustação de sanduíches.....	51
FOTO 9 - Momento da contação.....	52
FOTO 10 - Momento da contação.....	53
FOTO 11 - Brincadeira de tiro ao alvo.....	54
FOTO 12 - Momento da contação e painel produzido coletivamente pela turma.....	55
FOTO 13 - Momento da história contada pelas crianças.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ERA UMA VEZ... RECORTES DE UMA HISTÓRIA	11
1.1 O resgate histórico da contação de histórias.....	11
2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS	24
3 VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda como tema principal a contação de histórias como proposta pedagógica na Educação Infantil, por acreditarmos na importância dessa prática no desenvolvimento da criança nos aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural. A escolha por esta temática justifica-se por ser considerado de extrema importância acadêmica, visto que vem enfatizar as pesquisas já existentes e aqui citadas, sobre a contação de histórias na Educação Infantil. Socialmente, também se justifica sua relevância, haja vista a importância de se fazer um resgate das histórias que as crianças ouvem em casa, na comunidade e na própria escola estabelecendo relações com a sua forma de ouvir, pensar, falar e o modo de ser do grupo social em que está inserida. Como relevância pessoal, acredito que, como pedagoga, sou responsável pela formação do leitor em cada criança, o que considero inviável fora de uma vivência agradável com práticas literárias.

Este estudo molda-se como uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa. Utilizamos a pesquisa qualitativa, por entendermos que essa abordagem é a que melhor atende à natureza das questões aqui levantadas.

Segundo Goldenberg (1999, p.p. 49, 50),

Partindo do princípio de que o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. [...] os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho em profundidade dentro de um grupo 'bom para pensar' questões relevantes para o tema estudado.

A escolha por uma pesquisa-ação se deu pelo fato de perceber a importância da intervenção do pesquisador de modo cooperativo e participativo no processo educacional. De acordo com Gil (2009, p. 143) a pesquisa-ação, “além dos aspectos referentes a pesquisa propriamente dita, envolve, também, a ação dos pesquisadores [...]”

A unidade selecionada para o referido estudo foi a “Creche e Pré-escola Municipal Vovó Adalgisa”, situada no Bairro do Mutirão, município de Campina Grande-PB. Participaram da pesquisa as crianças de uma turma do Pré I. Nossa intenção foi oferecer subsídios a todos aqueles que trabalham com a educação, ajudando-os a compreender a importância da contação de histórias, assim contribuindo para a eficácia da formação do leitor.

As discussões que permearam nossa pesquisa tiveram como referências os estudos de Abramovich (1997), que fala sobre a leitura-prazer; Debus (2006), que aproxima a leitura literária da ludicidade presente nas brincadeiras; José (2007), que define a contação de histórias como uma arte capaz de encantar a criança, dentre outros.

Iniciamos o trabalho com um breve levantamento das práticas de contação de histórias que foram se eternizando e ao mesmo tempo se modificando ao longo dos tempos, buscando um resgate das antigas rodas de histórias orais até as práticas mais modernas dos dias atuais. Nesse momento, sentimos a necessidade de iniciar resgatando nossas próprias experiências com as histórias desde a infância, para remetermo-nos as histórias contadas, ouvidas e assistidas pela humanidade.

Em seguida, apresentamos uma fundamentação sobre a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, onde abordaremos questões fundamentais para um trabalho de sucesso com a literatura junto as crianças pequenas.

Por fim, apresentamos os resultados e análises de uma prática efetiva de contação de histórias realizada na turma do Pré – I (manhã) da referida creche. O trabalho realizado junto a creche teve uma duração de duas semanas - o que totalizam 10 dias de experiência -, onde buscamos atingir o objetivo geral de propiciar a turma uma vivência com o “livro vivo” através da contação de histórias, o que exigiu que trabalhássemos com base em objetivos mais específicos como: Permitir a leitura pelos sentidos, por parte das crianças, através do trabalho com livros confeccionados; Resgatar, na sala de aula, as histórias que as crianças ouvem em casa, na comunidade e na própria escola, trazendo para o cenário escolar o valor das experiências; Criar condições para que as crianças possam manifestar livremente a compreensão e os questionamentos surgidos a partir da contação de

histórias; Oferecer alimento a criatividade e ao imaginário da criança, estabelecendo relações entre o real e o não-real por meio das histórias trabalhadas.

Portanto, a proposta é romper com o tradicionalismo na hora de contar histórias na escola. Não pretendemos, com isso, desvalorizar o livro infantil normalizado, mas oferecer alternativas variadas de contato com a história para as crianças pequenas, no sentido de contar e encantar. Por isso, a escolha pelos “livros vivos”, aqui definidos como livros que permitem a leitura pelo corpo inteiro por parte das crianças: livros para tocar, para sentir, para cheirar, para comer, para abraçar, para pisar, para brincar... Em fim, livros produzidos industrial ou artesanalmente pensando-se nas possíveis formas de aquisição da história por parte dos pequenos leitores da creche.

1. ERA UMA VEZ... RECORTES DE UMA HISTÓRIA

*“Quem conta um conto aumenta
um ponto!”*

Ditado popular

É com esta frase que tanto me encanta que decidi dar início a esta breve recordação sobre a prática de contar e cantar histórias no percurso da humanidade. Conheço este ditado popular desde muito cedo, quando nas noites de luar, ouvíamos, meus primos e eu, as histórias de trancoso de vovô Abílio (avô materno), até que o sono nos chegasse. Ficávamos encantados com aquelas histórias do “tempo antigo”, como ele bem dizia, o que tornava ainda mais fantásticas aquelas narrações por acreditarmos que só ele as conhecia. E quando era chegada a hora de dormir - determinava a minha mãe – relutávamos, mas éramos convencidos a abandonar aquela roda fascinante de contação de histórias. Porém, antes do final, vovô sempre fazia questão de repetir o mesmo ditado popular: “Quem conta um conto aumenta um ponto!”. Não sabíamos ao certo o significado daquela frase, que para nós era ainda um tanto quanto enigmática, mas uma coisa era certa: com ela, vovô aguçava ainda mais em nós a ansiedade pela próxima noite de contação de histórias.

Mas de onde vem essa prática que me fascinava e ainda fascina a tantos até hoje?

1.1 O resgate histórico da contação de histórias

O costume de contar histórias para seu grupo social é muito mais antigo do que muitos de nós supomos. Antes mesmo que a humanidade desenvolvesse uma oralidade codificada, ou seja, antes das histórias contadas oralmente, as histórias de vida do ser humano eram desenhadas para que pudessem ser partilhadas com o seu grupo e com as gerações futuras.

Segundo Elias José (2007), a arte de contar e cantar histórias foi instituída pelo homem primitivo, quando registrou sentimentos e lembranças nas inscrições rupestres e cavernas sob o desejo de eternizar-se eternizando suas experiências. Para ele,

Cantar e contar foram formas mágicas de encantar, de conquistar, de fincar bandeiras no coração do outro, de mostrar-lhe e demonstrar-lhe amor e amizade. Foram formas de registrar a vida vivida e a idealizada, de por para fora os sentimentos e de criar fortes laços humanos (ELIAS JOSÉ, 2007, p. 48).

Dessa forma, o homem primitivo conseguiu retratar sua própria história, talvez contada e recontada tantas vezes para o seu grupo nos abrigos, após mais um dia de luta pela sobrevivência. Não se sabe se todas verdadeiras ou algumas do faz-de-conta, mas através da prática da contação de histórias registrada, como era viável em seu tempo, o homem pré-histórico deixou suas lembranças para suas descendências.

Essa primeira forma de contação de histórias desenvolvida pelo ser humano mostra a necessidade inata do homem de transmitir suas vivências ao longo de sua existência. Coelho (2002, p. 16) expressa essa constatação quando afirma:

Desde que a inteligência humana teve condições para organizar, em conjunto coerente, as formas e situações enfrentadas pelos homens em seu dia-a-dia, estes foram impelidos a registrar em algo durável, aquelas experiências fugazes. A descoberta da arte das cavernas, feita pelos arqueólogos, mostra, de maneira inequívoca, esse impulso essencial que leva o homem a expressar através de uma forma (realista ou alegórica) suas experiências de vida.

De acordo com a autora, o costume de contar histórias surgiu ao mesmo tempo em que surgiu, no homem, a necessidade de repassar suas experiências de vida para alguém a quem estas histórias pudessem ser interessantes ou úteis em um determinado momento de sua existência.

Desde as histórias nas cavernas até os dias atuais, o homem foi aprimorando e diversificando a arte de contar e encantar com as histórias verídicas e fictícias que fazem parte das suas experiências ou apenas fruto de sua grande capacidade de imaginação.

Após esse período primitivo de contação de histórias através de desenhos gravados nas paredes das cavernas, o homem evoluiu para uma nova forma de perpetuar suas histórias ao longo do tempo: as narrativas orais. De acordo com Cléo Busatto (2008, p.21):

Se é certo afirmar que o pensamento mitológico e os conseqüentes significados que ele traz, como dar sentido para a experiência de

estar vivo, se localiza nesta época, e que o conto de tradição oral aponta para esta necessidade de fazer leituras do mundo que nos cerca, também é possível se ter uma vaga idéia de quando este conto apareceu para encantar o homem, criado pelo próprio homem.

Ou seja, de acordo com a autora, as narrativas de tradição oral surgiram na Grécia, juntamente com o surgimento do pensamento mitológico. A partir do momento em que o homem começou a desenvolver o pensamento mitológico como forma de dar sentido a sua existência, os contos, em forma de oralidade, tornaram-se instrumento nessa compreensão do mundo em que viviam.

Também, segundo Busatto (2008, p.25), o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade até que o homem resolvesse registrar essas narrativas populares. De acordo com pesquisas feitas pela mesma, “os mitos gregos [...] tiveram seus registros nos últimos séculos antes do nascimento de Cristo”. Porém, a propagação dos contos escritos não eliminou a literatura oral do seio da humanidade. Um exemplo claro dessa continuidade da contação de histórias no mundo é a figura de Jesus Cristo. O contador de histórias mais conhecido em todo o mundo, fez sua própria história através das narrativas eternizadas por ele para as multidões que o seguia. Em suas andanças pela terra, ele passou ensinamentos religiosos por meio de parábolas, que foram registradas no grande livro do cristianismo: a Bíblia.

Vale ressaltar que desde os primeiros indícios de contação de histórias realizada pela humanidade até o século XVIII, essa prática foi desenvolvida tendo como público alvo o ser adulto. Portanto, o conteúdo das narrativas era idealizado e organizado a fim de atrair e entreter o adulto. Porém, crianças e adolescentes não eram impedidos de participar das rodas de contação junto aos seus parentes ou vizinhos. Debus (2006, p. 24), fundamenta essa afirmação quando cita o grande estudioso da infância ao longo dos séculos, Philippe Áries:

Philippe Áries, examinando a representação da infância em iconografias, aponta para uma imagem da criança, até a Idade Média, como um adulto em escala reduzida. A criança vivia imbricada nas relações do mundo adulto, quer cultural, econômica ou socialmente (ARIES apud DEBUS, 2006, p.24).

Se a criança era vista como um adulto em escala menor, ou seja, como um adulto em miniatura, esta usava e desfrutava de tudo o que prouvesse aos adultos. Brandão (2007, p.53), quando escreveu sobre a infância, também citou o autor Philippe Ariès para retratar essa etapa da infância em seu percurso na humanidade:

É possível verificar formas diferenciadas na iconografia da época, onde as crianças são retratadas com as características físicas e vestimentas de adultos, apenas reproduzidos numa escala menor. Consideradas como tais, as crianças acompanhavam os adultos em todas as suas atividades, até mesmo nas orgias (ARIÈS apud BRANDÃO, 2007, p.53).

De modo que, se não havia a necessidade de produzir roupas, objetos, calçados ou utensílios diferenciados para os pequenos, também a produção literária da época, oral ou escrita, não visava apresentar um enredo específico para essa faixa etária em especial. De acordo com Debus (2006, p.p.24,25), a vivência das crianças com a literatura até o século XVIII ocorria da seguinte forma:

A criança da classe nobre lia trechos dos clássicos; a do povo ouvia as histórias e as lendas e toda literatura oral que circundava o meio dos adultos: ao redor das fogueiras, nas cavernas ou em outros lugares onde houvesse um narrador com um bom repertório e um público ouvinte. O predomínio da literatura oral como prática coletiva era freqüente, também, nas classes privilegiadas, com o acréscimo da leitura oral do texto escrito.

Assim, através da leitura individual, coletiva ou oral, o contato das crianças na época, seja da classe nobre ou do povo, com a literatura era feito a partir da vivência das mesmas com o acervo literário destinado as práticas adultas de literatura, igualando, dessa forma, o universo adulto ao infantil.

A distinção da infância em relação a idade adulta só começou a se desenvolver a partir do século XVIII, quando Rousseau defendeu particularidades existentes no comportamento e na natureza das crianças:

A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo [...] (ROUSSEAU, 2004, p.p.73-74).

A partir das idéias defendidas por Rousseau no seu livro “Emílio ou da educação”, acima citado, iniciou-se um processo de construção do sentimento de infância em relação aos pequenos. Suas declarações eram inovadoras diante de uma sociedade onde “ninguém pensava neles como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida” (DARNTON apud DEBUS, 2006, p. 24), de modo que podemos considerá-lo como um marco na mudança de pensamentos e atitudes da humanidade para com as crianças.

A autora Elisabeth Badinter (1985, p. 54) ressalta a importância de Rousseau para uma nova visão de infância e família durante o século XVIII: “Foi Rousseau, com a publicação de *Émile*, em 1762, que cristalizou as novas idéias e deu um verdadeiro impulso inicial a família moderna, isto é, a família fundada no amor materno”. Ou seja, desde o século XVII havia publicações que retratavam a inquietude de alguns pensadores da época em relação ao tratamento dado as crianças pelos adultos. Porém, o livro de Rousseau foi o que verdadeiramente despertou a humanidade para essas idéias que já estavam circulando sem que conseguissem se enraizar.

Apenas quando a humanidade começou a ver a infância como uma etapa de vida naturalmente diferente da vida adulta, foi que as práticas de contação de histórias para os pequenos foram, também, diferenciadas daquelas realizadas para os adultos. Segundo as autoras Ana Teberosky e Teresa Colomber (2002, p. 151):

Somente a partir do século XVIII, pôde-se falar propriamente de uma literatura para crianças, já que foi nesse período que a infância começou a ser considerada como um estágio diferenciado da vida adulta.

Essa mudança das práticas e produções literárias em relação aos pequenos ocorreu juntamente com as mudanças na forma de conceber as crianças naquela época. Debus (2006, p.26) faz referência a esse período quando afirma que:

No caso específico da literatura infantil, temos uma produção cultural marcada historicamente pelo próprio conceito de infância, já que ela ganha vida concreta no século XVIII, quando a sociedade burguesa caminha para uma consolidação daquilo que se cunhou de sentimento de infância. A criança torna-se um ser diferente do adulto, com características próprias necessitando de orientações para se (a)firmar nesse novo jogo de forças em que o tom

monológico e monocórdio do adulto prevalece e sobrepõe-se a voz do outro – a criança.

Isso implica dizer que na medida em que mudava o olhar da humanidade em relação a infância, ocorriam mudanças na forma de tratar e educar esses pequenos. Até então, apenas adultos tinham espaço para opinar, desejar ou realizar algo que influísse diretamente na sociedade, cabendo a criança apenas receber e obedecer as decisões e criações do mundo adulto. Ainda segundo a autora, começaram a surgir, no mercado, “roupas diferenciadas para as idades, brinquedos em escala industrial e uma literatura específica para as crianças” (DEBUS, 2006, p. 26).

Assim, pouco a pouco, a criança passou a ser vista como um ser capaz de agir e pensar com autonomia, diferentemente das idéias e interesses dos adultos. De forma que o universo adulto, com suas práticas literárias, entre outras, passou a ser tido como inadequado para o convívio dos menores, dando, assim, margem para o surgimento de uma produção de roupas, calçados, utensílios e literatura específica para essa faixa etária.

Na medida em que se mudou o acervo literário destinado as vivências infantis, renovaram-se as práticas e formas de transmitir essa literatura infantil às crianças, de modo que a predominância da oralidade como prática literária teve que abrir espaço para outras formas de apreciação da literatura que se acentuava. Segundo Elias José (2007, p.49):

Graças a sua inteligência, sensibilidade e poder criativo, o homem se desenvolveu e desenvolveu a sociedade. Criou formas e formas de expressar o seu canto e o seu conto, a sua sensibilidade especial. Formas que se desenvolveram e se aperfeiçoaram com os tempos.

Como referenciado anteriormente, a prática que predominava até o século XVIII era a oralidade como forma de perpetuação e apreciação das histórias pelo homem. E essas rodas de histórias, juntamente com a convivência com os adultos, significavam a fonte de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Porém, com as mudanças de conceito em relação aos pequeninos, modificaram-se, também, as formas de ensinar e educar as crianças daquela sociedade, como afirma Debus (2006, p.p. 25,26): “A aprendizagem institucionaliza-se, substitui-se gradativamente a aprendizagem transmitida pela experiência dos mais velhos”.

Institucionalizar a aprendizagem significou definir lugares e horários específicos para a aprendizagem das crianças, o que resultou num desaparecimento gradativo das práticas de contação de histórias feitas pelos adultos em rodas pelos espaços das comunidades. Assim, a tradição oral, pouco a pouco, foi dando espaço as práticas de leitura das instituições de ensino.

Conforme as crianças eram introduzidas no mundo da leitura, as histórias outrora narradas, tomavam forma de livros impressos para atender as expectativas e ansiedades dos pequenos leitores, como afirmam Ana Teberosky e Teresa Colomber (2002, p.153):

A alfabetização progredia à medida que a escolarização ia se tornando obrigatória, em um processo que abarcou toda a segunda metade do século XIX e se estendeu além, dependendo do país. Isso levou a necessidade de produzir livros de texto, revistas e leituras para as crianças, de modo que foram surgindo diferentes tipos de textos entre os livros infantis.

Porém, esses textos destinados as práticas de leituras pelas crianças ainda eram marcados pela visão dos pequenos como um “adulto em miniatura”, compondo-se de um resumo ou adaptação das narrativas desfrutadas nas rodas de história para os adultos ou dos clássicos já impressos e que circundavam o universo literário dos mesmos. Coelho (2000, p.29) bem define a natureza das primeiras obras literárias destinadas a esse público infantil:

[...] os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, ou as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventuresco ou exemplar.

Do reconhecimento da infância até que as obras literárias infantis fossem de cunho realmente infantil, ainda se passaram algum tempo. Como citado acima, não existia ainda uma produção e criação de histórias e/ou livros pensados no interesse peculiar dos pequenos ouvintes/leitores. Retiraram do repertório de histórias dos adultos o que, a partir daquele momento, se julgava impróprio para os pequenos,

permanecendo intactos os trechos das narrativas que exibisse bons exemplos as crianças ou pudessem ser atrativos por conter algumas aventuras.

De modo que se iniciou um processo de reorganização e impressão das narrativas populares a fim de as tornarem próprias a apreciação dos leitores infantis. Processo esse que teve sua origem no século seguinte as primeiras publicações de Rousseau e resiste até hoje, conforme referenciado a seguir:

Ainda que a imensa maioria dessa literatura não fosse destinada especificamente ao público infantil – com exceção das canções de ninar ou algumas outras produções – essas narrativas e poemas são, no entanto, as que mais tem influenciado na elaboração e na produção da literatura infantil, desde os contos de Andersen no século XIX, por exemplo, até nossos dias (TEBEROSKY e COLOMER, 2002, p. 148).

Mesmo com a coleta e estudo desses contos populares, que tem suas origens nas mais diversas rodas de conversas e histórias do nosso povo ao longo dos tempos, não impediram que, pouco a pouco, essas histórias fossem perdendo o seu valor diante da imensa produção literária moderna que vem se acentuando ultimamente. E junto com a desvalorização dessas narrativas, foi se perdendo também o costume de perpetuá-las e revivê-las entre amigos, familiares e escolas. De acordo com Cléo Busatto (2008, p.38):

O conto de literatura oral ainda é visto com olhos pequenos, basta perceber o que acontece com nossos mitos e lendas. Eles só recebem destaque no mês do folclore, acentuando, assim o caráter folclórico, no sentido de curioso e pouco digno de crédito, com o qual se trata a nossa cultura. Nesse momento ele é trabalhado exaustivamente, em atividades que tem como objetivo apenas valorizar aquela data. O nosso acervo de literatura oral não tem a devida atenção que merece, não são considerados pelo que são, ou seja, um patrimônio de cultura e sabedoria, legado pelas tantas etnias responsáveis pela formação da raça brasileira.

A exemplo do que ocorre com os contos de literatura oral dentro de nossas escolas, também podemos perceber a desvalorização por parte dos professores, principalmente de Educação Infantil, das muitas e muitas histórias trazidas de casa pelas nossas crianças. Narrativas que fazem parte da história cultural de cada uma daquelas crianças, pois provém do seu espaço familiar e cultural. E como afirma

Debus (2006, p. 21), devem ser o ponto de partida para um trabalho efetivo com o texto literário no âmbito das instituições educativas.

É como se o homem alfabetizado não sentisse mais a necessidade de expressar-se oralmente; como se a contação de histórias só fosse útil a quem ainda não consegue ler as histórias de sua preferência, de modo que, ao invés de perder tempo contando histórias aos pequeninos, muitos educadores preferissem antecipar ao máximo a capacidade de decodificar em suas crianças. O mesmo tem acontecido nas famílias: pais, avós e responsáveis pelas nossas crianças tem cada vez mais se rendido as facilidades dos entretenimentos infantis modernos e esquecem de narrar e cantar as delícias da vida para os pequenos. Elias José (2007, p.49) faz referência a esse fenômeno, quando afirma que:

Feliz da criança que teve pais, avós ou babás que enriqueceram o seu imaginário com muitas histórias, varando, virando e transformando o mundo pelo poder mágico da ficção. Pessoas que a fizeram dormir mais tranquilamente ao som dolente de uma cantiga de ninar. Triste criança de hoje, que precisa se contentar com as histórias cantadas ou contadas pela televisão. Histórias mais cínicas e perversas do que lírico-poéticas, interessadas mais em vender produtos do que em oferecer poder e magia.

Os mais velhos parecem não ter mais tempo para contar histórias aos seus descendentes. O trabalho e todas as exigências do mundo modernizado não têm deixado espaço para rodas de conversas e histórias em família. O mesmo acontece no âmbito escolar, haja vista que muitos professores deixam de lado o prazer de ouvir, contar e trocar histórias devido aos conteúdos que são exigidos das crianças, mesmo em fase de Educação Infantil. De forma que o conto oral vem cada vez mais perdendo seu espaço no cotidiano infantil.

A autora Cléo Busatto (2008, p.80) critica explicitamente essa desvalorização da contação de história em nossa sociedade e defende a urgência de medidas que venha reintegrar o conto oral nas nossas práticas sociais e educativas:

O conto deve voltar a ocupar o espaço da casa, da escola, entrar nos clubes, nos centros comunitários, hospitais, asilos, creches, ruas... enfim, não importa o lugar e sim, que ele volte a ocupar o espaço que já foi seu

É preciso, então, fazer uso da capacidade criativa e inventora do ser humano, para que a contação de histórias não fique na história da humanidade como uma fase de vivência do oral que ficou para trás. É preciso resgatar essas práticas, das quais, nós, que vivenciamos essas experiências de rodas de histórias, sentimos saudades e recordamos com tanto carinho. Quem vivenciou uma situação de contação, sabe do fascínio que uma história bem contada provoca no espectador/ouvinte. Como bem afirma Joana Cavalcanti (2002, p.p. 61,62): “O que nos resta hoje é procurar, inventar, criar formas de manter e multiplicar tais narrativas, de forma a conservar o imaginário popular”.

Uma forma eficaz de resgatar o costume de contar e encantar com as narrativas, talvez seja investir no resgate da figura do próprio contador de histórias. Acredito que o desinteresse pelas histórias contadas esteja estritamente ligado ao desinteresse em contar histórias. Não é o público que atrai o contador, e sim o contador que deve atrair seu público. Segundo Busatto (2008, p.80), já existe em alguns países um interesse em retomar as práticas orais de literatura, a partir do ressurgimento das figuras contadoras de história em meio as multidões:

Porém existe um movimento para a recuperação desta forma de comunicação. Ainda é pequeno e tímido, mas começa a mostrar para que veio. É formado pelos novos contadores de história, e que eu denomino *contadores urbanos*. Eles começam a aparecer aos poucos, ainda confusos sobre o significado de contar histórias, para quê e para quem contar. É um movimento saudável, pois urge retornar a arte da oralidade.

Um exemplo bem próximo da nossa realidade que faz referência a essa nova geração de contadores de história, são as professoras de educação infantil Rosicleide Marcolino de Andrade e Patrícia Edvânia Rodrigues do Nascimento, que com o projeto “Senta que lá vem histórias” vem incentivando educadores e demais formadores da cidade de Campina Grande/PB e região a fazer uso de histórias contadas de diversas maneiras em suas práticas com público. Jô e Gi contando histórias, como são conhecidas as contadoras, oferecem oficinas de contação de histórias e confecção de recursos audiovisuais para uma prática de contação mais atrativa. Além disso, a exemplo de inúmeros adeptos/praticantes de contação de histórias, as duas possuem um “blog” na Rede Mundial de Internet por onde

compartilham saberes e experiências que visam aprimorar as performances desses novos contadores.

Esse é um exemplo bem prático do perfil desses “contadores urbanos” referenciados por Busatto. São pessoas que fazem uso das tecnologias e facilidades desse mundo moderno para recuperar, mesmo que de uma forma renovada, o gostoso hábito de contar e ouvir histórias de épocas passadas.

Talvez o encantamento provocado por esses ousados e criativos contadores de histórias que vem invadindo as ruas, os coretos e lugares mais inusitados, sirva de inspiração para que professores, principalmente os que atuam em Educação Infantil, sintam-se convidados a incorporar em seu perfil um autêntico contador de histórias.

Se os mais velhos não tem mais tempo para desfrutar de uma boa história com as novas gerações, como ocorria outrora, cabe o nós professores, pessoas que dividimos o dia-a-dia dos pequenos com suas famílias, não deixar findar a arte de contar histórias em nossa sociedade.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS

Antes de iniciarmos uma fundamentação sobre a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, propósito do presente capítulo, faz-se necessário definirmos a finalidade dessa etapa tão importante na educação do ser humano.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB -, em seu artigo 29 a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, assim definido:

[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento da criança até seis anos de idade*, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade (BRASIL, 1996, art.29).

Não se trata, portanto, do simples ensino de conteúdos ou disciplinas, mas de trabalhar com as crianças dessa faixa etária, diferentes áreas de desenvolvimento ao mesmo tempo. No entanto, sem fazê-lo de forma fragmentada e descontextualizada.

Segundo Eliane Debus (2006, p.13), essa definição de Educação Infantil, trazida pela LDB, faz com que a educação das crianças pequenas assuma um novo caráter, diferente do caráter assistencialista que historicamente a acompanhou:

[...] o educacional e, acima de tudo, diferenciado do Ensino Fundamental, a partir do próprio substantivo que lhe apresenta (educação), não sendo considerado como uma etapa de ensino, mas circunscrito num processo educativo.

A autora define essa nova concepção de Educação Infantil, defendida legalmente, como mais um desafio a ser enfrentado pelos profissionais que optam exercer sua docência com as crianças pequenas. Desafio esse que deve ser superado através de uma formação profissional intensificada e continuada, na tentativa de contribuir para o desenvolvimento integral de cada criança, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Neste contexto, é importante que o professor entenda a literatura como um terreno extremamente fértil para o desenvolvimento da criança em diversos aspectos simultaneamente, fundamentando, assim, o trabalho com a contação de histórias na Educação Infantil.

Coelho (2000, p.27) defendeu a necessidade do trabalho com a literatura e, conseqüentemente, com a contação de histórias para as crianças pequenas, quando a Educação Infantil ainda estava se firmando como uma modalidade de ensino, sendo ignorado ainda o desenvolvimento integral da criança:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Daí a importância da contação de histórias na Educação Infantil, tendo em vista que, segundo Frantz (2005, p. 50): “O primeiro contato com a literatura se dá através da audição de histórias. Através do contador de histórias, a criança é introduzida no mundo da leitura antes mesmo de saber ler”.

Fanny Abramovich (1997, p.17) afirma que através de uma história é possível “(...) ficar sabendo de História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”. Ou seja, ouvindo histórias é possível compreender o mundo de uma forma acessível ao pensamento infantil. Através da contação de histórias, o professor consegue atingir determinadas áreas de conhecimento e desenvolvimento da criança pequena sem que ela precise tomar consciência da ocorrência desses processos. Diferentemente do método de transmissão de conteúdos e disciplinas descontextualizadas, que acaba exigindo um grau de reflexão incompatível com a maturidade da criança na Educação Infantil, a contação de histórias permite que ela atinja essa compreensão da realidade com muita naturalidade e espontaneidade.

Magalhães (2001, p.19) reforça o poder que essas narrativas tem de aproximar o real e o não-real no mundo das crianças pequenas, facilitando assim os processos de desenvolvimento dessas crianças:

É a vida da própria criança e os passos do desenvolvimento de sua personalidade que são abordados pelas narrativas. Daí o recurso a

fantasia como prerrogativa da mente infantil para chegar a uma compreensão de si mesma e do mundo em que vive.

Dessa forma, através da contação dessas narrativas na Educação Infantil, é possível compreender o mundo, respondendo perguntas do dia-a-dia de forma compatível com o pensamento infantil.

Ouvindo histórias também é possível, como cita Fanny Abramovich (1997, p. 17), “(...) descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”. Vivenciando os conflitos enfrentados pelos personagens de cada história, a criança analisa seus próprios conflitos e impasses. Também é na solução, ou não, dada pelo enredo aos conflitos surgidos, que é possível encontrar idéias para solucionar questões da própria vida.

Em relação às histórias infantis, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI -, documento que rege o trabalho com a Educação Infantil atualmente no Brasil enfatiza que:

A leitura de histórias é o momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas citadas em outros tempos e lugares que não o seu (BRASIL, 1998, p. 143).

Assim, as histórias proporcionam viajar o mundo inteiro sem sair do lugar. É possível voltar ao tempo e, conhecendo culturas anteriores, compreender melhor os costumes e valores do espaço e tempo em que vivemos atualmente. Também, através do conhecimento dessas diversas culturas trazidas pelas histórias, aprende-se a respeitar e admirar a diversidade dos povos.

A história contada também tem o poder de mexer com as emoções dos pequenos leitores ouvintes. A depender do contexto em que a criança está inserida e dos valores que reconhece, ela passa a se identificar ou desprezar determinados personagens dentro da trama das narrativas. Isso a faz sentir emoções importantes como raiva, amor, tristeza, alegria, medo, dentre outros sentimentos.

Através de uma história, a criança pequena também tem a oportunidade de desenvolver o seu potencial crítico, pois a história a faz pensar, duvidar, acreditar, perguntar...

A contação de histórias, como já citado, promove o encontro da criança com a leitura literária. Encontro esse que, de acordo com Eliane Debus (2008, p.21): "significa ampliar o seu repertório linguístico e cultural, possibilitando-lhes outra compreensão da realidade".

Outra proeza do trabalho com contação de histórias na Educação Infantil é, segundo Elias José (2007, p. 58), a de despertar o interesse do ouvinte pela literatura, seja por ouvir, ler ou escrever:

Há muitas formas de contar histórias, todas muito importantes para o prazer de ouvir e para incentivar o prazer da leitura silenciosa. Do ouvido, surge o interesse da criança pelas histórias escritas. Surge o prazer de também criar histórias, seja a nível familiar ou escolar, com pretensão literária ou não.

No atual momento em que se encontra a educação, onde existe uma preocupação presente em todos os níveis de ensino, inclusive no nível superior, com a formação do hábito de ler e escrever em cada aluno, não podemos pensar num trabalho com Educação Infantil desassociado da prática de contação de histórias. Comungando da idéia do autor acima citado, é justamente na criança pequena que se inicia o processo de construção do adulto leitor.

Porém, diante dessa gama de possibilidades citadas até o momento referente ao trabalho efetivo com contação de histórias na Educação Infantil, não podemos perder o foco que consideramos fator primordial nessa prática: o prazer e a alegria que cada criança encontra numa boa história bem contada.

Sobre esse aspecto da literatura, Fanny Abramovich (1997, p. 17) ressalta:

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... E poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor é, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento.

Portanto, o momento da história, seja ela lida, dramatizada ou contada, deve estar sempre aliada a diversão e encantamento, ao prazer e ao lúdico, ao humor e a alegria... Elias José (2007, p. 62) também reforça este aspecto fantástico do contar histórias para as crianças quando questiona: "Haverá brinquedo mais gostoso do que ler ou ouvir histórias"? É exatamente esta a visão que os pequenos precisam

ter das histórias, dentro ou fora da sala de aula, pois disso depende o sucesso da formação do leitor em cada um deles.

Todas as colocações e citações apresentadas até aqui, nos remete a literatura e a contação de histórias na Educação Infantil como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da criança nesse processo educativo, não deixando de considerar a necessidade de uma especificidade no trato dessas narrativas para com as crianças pequenas. Diante disto, como deve ser o trabalho com a literatura nas turmas de Educação Infantil? Se, como afirma Eliane Debus (2006, p. 11), “[...] as práticas e as condições de produção da leitura literária na Educação Infantil, diferenciam-se daquelas realizadas no espaço escolar do Ensino Fundamental”, como deve ser essa prática específica?

Assim sendo, o trabalho com a literatura no Ensino Fundamental, como discute Debus (2006), tende a privilegiar muito mais o código do que o significado das histórias trabalhadas, tornando a aprendizagem da palavra escrita num exercício mecânico de memorização, a fim de inserir a criança em exercícios de prontidão e noções básicas da escrita como prescrição para a vida escolar. Isso significa dizer que o trabalho junto a criança no Ensino Fundamental, muitas vezes, se reduz ao ensino de conteúdos e disciplinas, fazendo uso dos textos -histórias- como pretexto para trabalhar conteúdos escolares que reduzem e fragmentam o conhecimento.

Vale ressaltar que, ao diferenciarmos aqui o trabalho a ser realizado em torno da literatura na Educação Infantil das práticas educativas vivenciadas no Ensino Fundamental, não estamos defendendo uma prática de contação de histórias para os pequenos, desvinculada do código escrito. Comungando das idéias de Frantz (2005, p.52):

O ato de contar histórias não visa substituir a leitura do livro. Ao contrário, quer aproximar ouvinte/leitor e texto/autor. Por isso, o trabalho do contador é fugaz. Por alguns momentos ele ilumina e dá vida aos textos, introduzindo-o, majestosamente, em nossa vida e mostrando o quanto ela pode ser bela, triste, interessante, emocionante, cheia de histórias. E deste modo, sugere a continuidade desta experiência gratificante, prazerosa, transformadora que é descobrir a vida que há nas histórias e as histórias que fazem a vida.

Dessa forma, é ouvindo histórias, muitas histórias, que o imaginário infantil sentirá a necessidade de ser alimentado com mais e mais histórias. E, de forma natural, aos poucos, a criança irá intercalando o ouvir e o ler histórias até tornar-se totalmente autônoma para selecionar e saborear suas próprias histórias.

Segundo Eliane Debus (2006, p.20), a pouca reflexão da prática literária na Educação Infantil tem resultado em duas atitudes distintas e equivocadas que se pronunciam:

[...] uma que segue à risca a prática da escola, tornando a literatura como possibilidade de alfabetização e inserção de conteúdos curriculares, principalmente junto às crianças de pré-escola; e outra que se restringe à atividade de contar histórias, essa mais vinculada com a oralidade do que com o texto escrito, esquecendo-se completamente da mediação pelo objeto livro.

Portanto, o desafio é seguir uma orientação que não prive a criança na Educação Infantil do contato com o código escrito, mas que também não antecipe uma escolarização com vistas a uma preparação para o Ensino Fundamental.

Dessa forma, pensar num trabalho com a contação de histórias na Educação Infantil, significa promover novas formas de lidar com a literatura e com os livros na escola. A intenção é, ao invés de banir a palavra escrita das salas de Educação Infantil, torná-la mais próxima e compreensível ao pequeno leitor.

Contar histórias é bem mais que simplesmente ler narrativas para um público ouvinte. Significa encontrar técnicas e recursos que envolvam, de forma prazerosa e sedutora, fantástica e apaixonante, cada um dos pequenos espectadores.

Porém, para que ocorra esse sucesso no ato da contação de histórias para crianças, é necessário que o educador constitua-se um bom contador de histórias, pois ele tem o poder de encantar e desencantar os pequenos com sua performance na hora da história. Como diz Elias José (2007, p. 60): “O bom contador faz a gente viajar”. Segundo o autor, saber contar uma história é algo que se aprende, e não um dom inato:

[...] Um dom é algo que se alcança, que se desenvolve com querer, com tentativas, erros e acertos. É preciso leitura em voz alta, se possível gravada e ouvida criticamente. É preciso treino, constante exercício e sensibilidade para perceber as nuances, as vibrações, o sangue e nervos que há em uma narrativa. É preciso buscar o

rítmo, a entonação, a musicalidade necessária. Ninguém pode ensinar completamente, dar isso pronto. Cada um tem o seu ritmo, a sua modulação de voz, a poesia dos seus gestos e a sensibilidade especial para ler e selecionar e se emocionar. É preciso medir e dar o tom certo para os gestos, sobretudo os usados nas histórias memorizadas, acompanhados de expressões faciais, sobretudo, do poder que o olhar e o sorriso tem de convidar a participação. Tudo isso se conquista com a vivência com o texto literário, com a tentativa de ler em voz alta, com a intuição e todos os sentidos ligados ao ato de ler e contar (ELIAS JOSÉ, 2007 p. 63).

Em outras palavras, o primeiro passo para a formação de um bom contador de histórias em cada educador infantil, é uma convivência efetiva com textos literários. Diante disso, é pertinente o seguinte questionamento: Como proporcionar uma boa relação entre os pequenos e as narrativas se não nos relacionamos bem com a literatura? É preciso tornar-se um bom leitor antes de trabalharmos em nós as técnicas do bom contador de histórias.

Também é fundamental apaixonar-se pelas histórias com as quais se pretende encantar, para que se passe a emoção intencionada com a história. Comungando das idéias de Elias José (2007, p.67):

[...] a criança que ouve a história lida ou contada faz dupla leitura, a da fábula desenvolvida, narrada, e a do narrador, seus recursos, seu corpo e sua ligação afetiva. Na verdade, ela soma emoções, conhecimentos e enriquecimentos do seu imaginário.

Outro fator relevante para o sucesso das práticas de contação de história na Educação Infantil é a escolha da história a ser contada. A este respeito, Debus (2006, p.90) apresenta os seguintes critérios como relevantes para a criança que se encontra na Educação Infantil:

A escolha desse período de vida dá-se por dois motivos que julgamos fundamentais: o primeiro está assentado no pressuposto de que essa criança ainda não está no espaço escolar enquanto aprendizagem sistemática das regras linguísticas, e o segundo em sua condição de leitora em formação.

Isso significa dizer que, em hipótese alguma, essa escolha pela história a ser contada para criança pequena deve ter uma preocupação com qualquer tipo de

conteúdo ou intenção didática. Pois, como afirma Elias José (2007, p. 64), “A narrativa tem que passar prazer, provocar fruição, sem qualquer preocupação com o pragmatismo didático, discursos ideológicos ou sermões”.

Ainda sobre a escolha da história adequada para a contação na Educação Infantil, é relevante remetermo-nos as considerações feitas por Fanny Abramovich (1997, p.20):

Claro que se pode contar qualquer história a criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa... qualquer uma, desde que seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição [...].

Ou seja, o critério de seleção, segundo a autora, é do contador. Ele é quem melhor conhece seu repertório de histórias e seu público alvo. Portanto, só ele pode decidir qual é a melhor história para cada momento que as crianças estão vivenciando e os referenciais de que necessitam.

Após a preparação do contador e a escolha da história a ser contada, remetemo-nos para o que podemos considerar como o diferencial do trabalho com literatura para com as crianças da Educação Infantil: o recurso para a contação.

Partimos do pressuposto de que a leitura do mundo feita pela criança inicia-se, não pela decifração do código escrito, mas pelos sentidos. Como afirma Elias José (2007, P. 35):

Começamos a ler o mundo muito cedo. Ainda no útero materno, já nos chegam os primeiros sinais do mundo, não gráficos, mas táteis e sonoros. Quando abrimos os olhos e quando choramos pela primeira vez, estamos reagindo diante do novo. Buscamos os primeiros sinais do livro mundo, expresso no susto inicial.

Dessa constatação do autor referente às primeiras leituras do mundo feitas por qualquer criança, justifica-se o trabalho da contação de histórias na Educação Infantil aliados a recursos que venham a estimular essa leitura sensorial inata ao ser

humano. Não queremos, com isso, desprezar o “objeto livro” nas salas de Educação Infantil, mas torná-los mais atrativos aos sentidos dos pequenos, a fim de facilitar a interação leitor/ouvinte com o livro/enredo.

Debus (2006), no seu livro “Festaria da brincança: a leitura literária na educação infantil”, já citado algumas vezes ao longo deste capítulo, apresenta uma proposta de trabalho com a literatura na Educação Infantil que rompe com as barreiras tradicionais ainda muito fortes nas nossas creches e demais instituições destinadas ao trabalho junto às crianças pequenas, defendendo um trabalho com recursos que venham a estimular os sentidos da criança na hora da história lida ou contada pelo adulto.

Dentre os recursos apresentados pela autora e outros conhecidos na realidade de algumas escolas que trabalham com esse tipo de contação inovadora, podemos citar:

Contos desenhados

É um recurso já conhecido por muitos educadores que consiste em contar uma determinada história narrando-a e, ao mesmo tempo, desenhando seu passo-a-passo na lousa ou na tela do computador.

Flanelógrafo

Também muito conhecido entre educadores atuantes no trabalho com crianças pequenas, trata-se de um quadro coberto com flanela aonde vão sendo fixadas por velcro as gravuras que ilustram a narrativa.

Caixas de história

Este é um procedimento em que a história é retirada de dentro de uma caixa. O cenário da história pode estar tanto em seu exterior como no interior, e retira-se dela personagens e/ou objetos para a contação.

Avental de história

É um recurso semelhante ao flanelógrafo, sendo que o quadro de flanela é substituído por um avental usado pelo educador na hora da contação. Este pode ser confeccionado de TNT tal qual um avental de cozinheira, porém, esta base de

tecido traz ilustrado o cenário da história a ser contada, aonde os elementos da narrativa vão sendo fixados.

Luva de história

Tem a mesma dinâmica do avental de histórias, sendo que a base em forma de avental é substituída por uma luva calçada pelo educador onde o cenário é apresentado e os elementos ou, até mesmo apenas uma personagem, pode ser fixada.

Formas animadas

São fantoches, bonecos, marionetes, máscaras e fantasias, que podem assumir o papel de protagonista ou contador da própria história. Este tipo de recurso tem o poder de maravilhar os pequenos, pois, de uma forma muito real, ele dá vida aos personagens da história.

Dobradura/origami

O papel dobrado de diversas formas faz aparecer objetos, animais, pessoas, acessórios etc. Utilizando a técnica de dobraduras, o educador pode contar histórias com os elementos previamente dobrados por ele e apresentados ao longo da narrativa ou, se preferir, confeccionar as personagens e objetos com papel no decorrer da contação para as crianças.

Caracterização

O educador se caracteriza com as roupas da personagem a ser apresentada pela narrativa, isto é, pode vir vestido de fada/mago, bruxo (a), lobo etc. Esse tipo de recurso permite a criança interagir diretamente com a personagem da história, embora saiba, ou desconfie, que por trás do disfarce exista o educador.

Recursos audiovisuais

Nesse grupo de recursos estão inclusos: os CDs, que cantam ou contam histórias infantis; os DVDs, que apresentam versões adaptadas de clássicos da Literatura Infantil; os canais abertos de televisão, que tem programação voltada para o trabalho com narrativas infantis; e o CD-ROM, que possibilita a interação da

criança com a narrativa apresentada. Se bem utilizados e explorados, tais recursos podem ser um aliado eficiente do educador no trabalho com a literatura na Educação Infantil, tendo em vista que esses recursos já fazem parte da realidade da maioria das crianças nesta faixa etária.

Televisão de histórias

Semelhante a um aparelho de TV, ela é construída artesanalmente, e as imagens, desenhadas ou coladas, são passadas através de um rolo de papel posto dentro de uma caixa de madeira ou papelão, que vai girando ao longo da narração das histórias, possibilitando a visão de cada cena pela abertura na caixa que substitui a tela da TV.

Livros artesanais

São livros que podem ser confeccionados a partir de materiais como tecido, EVA, encerado, papelão, juta etc. Suas páginas apresentam as ilustrações feitas a partir dos mais diversos elementos, onde prevalece a linguagem pictórica. Como exemplo, podemos citar: material reciclável, figuras em auto-relevo, elementos da natureza, isopor, dobradura móvel, massa de *biscuit*, algodão, lápis e tintas coloridas, recortes de tecido, letras recortadas e coloridas, enfim, tudo aquilo que possa ser atrativo aos sentidos da criança pequena.

Tapete de história

Trata-se de um grande tapete confeccionado de tecido ou TNT, que tem como fundo o cenário da história a ser contada. Ele pode ter a forma oval, de círculo ou de meia, possibilitando a proximidade de todos na hora da contação. O educador pode se posicionar dentro ou a margem do tapete, de onde vai, ao mesmo tempo em que narra a história, explorando o cenário e apresentando as personagens e elementos da narrativa sobre o tapete.

O retro projetor

Esse velho recurso também pode ser de grande valia na hora do contação de histórias na Educação Infantil. Transparências coloridas ou desenhadas manualmente vão aproximando a ilustração da história, possibilitando a criança uma

melhor compreensão das imagens. Uma seção de cinema no ambiente educativo com as narrativas retro projetadas com muita pipoca e alegria, com certeza é uma boa opção.

Data show

Tem a mesma finalidade do retro projetor de projetar imagens ampliadas que ilustram a história. Porém, de uma forma mais moderna e avançada, pois dispensa as transparências, transferindo as imagens diretamente do computador para a projeção ampliada que chega aos olhos do público.

Os recursos para contação de histórias vão muito além dos aqui citados e, só dependem da criatividade e disposição do educador em inseri-los em suas práticas de contação de história na Educação Infantil. No entanto, estes não devem ser materiais de uso exclusivo do educador, como se restasse a criança apenas a opção de ouvir e interpretar as histórias trabalhadas no espaço educativo. Sobre esta questão, alerta Debus (2006, p.84):

A criança não deve ser mera espectadora das atividades, isto é, ela deve se tornar contadora de histórias, ampliar o seu repertório, e para isso todos os recursos não devem ser manuseados apenas pelo professor. Deve ser concedido á criança o espaço para manuseá-los, brincar com eles, utilizando-os para construir suas próprias narrativas.

Além do manuseio, pela criança, do material de uso do professor na hora da contação, há também a opção de confeccioná-los de tamanho menor e uso exclusivo das crianças, como por exemplo, luvas e aventais de tamanhos adequados ao uso da criança pequena, livros mais resistentes ao manuseio livre das crianças, caixas de fantasias e acessórios que possam permanecer ao alcance dos pequenos, etc.

De forma que, além de buscar meios para uma melhor compreensão das histórias infantis por parte das crianças, é função do professor dar subsídios e oportunidade para que elas criem e contem suas próprias histórias. Pois, como afirma Freire (2006, p. 47), "... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as

possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Comungando com o pensamento de Paulo Freire, ressalta Debus (2006, p.124):

É necessário que o professor esteja disposto a conviver numa relação de mão dupla, que esteja aberto não só para contar, mas para ouvir as narrativas das crianças. Que compreenda que a criança também conta histórias, desde o diálogo interpretativo entre a troca sobre o que foi narrado – pois meio das várias linguagens -, até a sua elaboração construtiva, crítica e particularizada.

A autora refere-se à criança, neste trecho, não somente como receptora de cultura, mas assumindo os papéis de receber, fazer e transmitir cultura. Papéis estes que hora podem ser exercidos separadamente, ora podem surgir ao mesmo tempo, a depender da postura do educador nos momentos de conotação de histórias nas instituições de Educação Infantil.

Também é importante refletirmos sobre o momento destinado a contação de histórias dentro da rotina das turmas de Educação Infantil. Pode ser que ocorram dúvidas sobre qual seria a hora mais adequada para se contar uma boa história para os pequeninos. De acordo com Debus (2006, p. 87), “... não existe a hora certa, mas, sem dúvida, existe uma hora imprópria”. Com isso, a autora quis dizer que toda hora dentro da rotina de uma turma de Educação Infantil pode ser hora de contar histórias, porém é preciso um olhar do educador para um momento privilegiado para essa atividade. A autora critica, ainda, sobre esse aspecto, práticas que espremam os momentos de contação de histórias como forma de motivação ou para aquietar as crianças para a execução de outra atividade. De modo que, o sucesso do trabalho com contação de histórias junto à criança pequena, depende, entre outros fatores, da escolha do momento propício para essa prática dentro da rotina de cada turma.

Outro fator importante na hora da contação de histórias para as crianças é o ambiente a acolher esse momento mágico. Segundo Ferreira (2007, p. 11), além dos fantoches, roupas, máscaras e demais materiais, também os espaços físicos para a leitura de histórias deverão ser aconchegantes, podendo conter almofadas, iluminação adequada, possuir livros e revistas a disposição das crianças. Debus

(2006, p.84) define o local de contação de histórias como “um lugar de autos-
astrais”, e afirma:

O ato de contar ou ler uma narrativa pode ser realizado em qualquer espaço [...]. No entanto, no entanto, no ambiente da Educação Infantil, em que se pensa tanto na importância do aspecto físico e a sua organização, seria importante apresentar a criança, em sua formação leitora, uma maneira mais prazerosa de estar com a leitura, para que mais tarde consiga administrar ao outros protocolos de leitura, mais sisudos.

Ou seja, como momento mágico que é a contação de histórias, merece também um local mágico e entusiasmante. Isso não significa dizer que a história deve ser contada para as crianças sempre num mesmo local que, por ventura, tenha sido preparado para este fim. Além deste cantinho, se for o caso, outros locais parece-nos bem sugestivos para uma roda de histórias, tais como: um belo jardim, a sombra de uma árvore, um gramado bem verdinho, um pátio ornamentado, uma biblioteca aconchegante e, porque não, a cozinha ou o dormitório da instituição, a depender da sugestão dada pelo enredo de narrativa. A dica então é explorar os ambientes das instituições de Educação Infantil invadindo-os de muita magia e encanto, quebrando assim com a visão de seriedade e formalidade, muitas vezes associadas demasiadamente as narrativas infantis.

Escolhido o lugar para a contação da história, muitos educadores tem a triste mania de sair “arrumando” as crianças a seu critério para só assim dar início a história. Segundo Abramovich (1997, p.22):

(...) antes de começar, é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar; sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto [...].

Assim, é importante que cada criança encontre uma posição confortável no momento da história, pois nossas experiências dão conta de que estar, ou não, bem acomodados constitui-se um dos fatores determinantes para uma boa concentração

ao desenvolvermos uma atividade. É difícil prestar bem atenção numa determinada exibição ou narrativa quando não estamos confortavelmente acomodados. Nesse sentido, não importa a forma que a criança escolheu posicionar-se na hora da história, desde que ela participe da atividade com êxito.

Então, escolhida a história e o recurso a ser utilizado, encontrado o local adequado, chegado o momento privilegiado e após todos estarem bem posicionados, é hora de dar início ao momento mágico da contação. Fazendo minhas as palavras de Abramovich, o primeiro passo para o sucesso do educador na hora da contação é a leitura prévia da história, se é que não seja uma história bem conhecida do contador. Segundo a autora, é preciso:

[...] ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte (ABRAMOVICH, 1997, p. 20).

O conhecimento aprofundado da história a ser contada nos ajudará a usar corretamente a voz, fazendo as variações de tom adequadas para cada personagem. Também evita aqueles espaços vagos que podem acontecer enquanto tentamos recordar daquela parte da história, quando não a conhecemos muito bem.

Para que o educador passe a idéia de fantasia e magia aliadas às histórias infantis é preciso tornar esse momento fantástico desde o início da narração. De modo que o educador pode eleger uma forma de iniciar cada momento de contação, podendo fazer uso de frases como “Era uma vez... E lá vamos nós...” ou qualquer outra que faça mexer com as expectativas dos pequenos em relação aquele momento que seguirá dali por diante. Da mesma forma que também é importante saber terminar a história deixando um gostinho de quero mais em cada criança: “e acabou-se o que era doce...” ou “quem conta um conto aumenta um ponto” ou outra forma especial de dar fim a uma bela história.

No caso das histórias literárias, ao contrário daquelas de cunho folclórico cuja autoria se perdeu ao longo do tempo, é bom seguir a orientação de Elias José (2007, p.64):

Caso seja um texto literário é preciso que se decore o texto todo – se necessário, uma fragmentação que não ofenda o todo ainda é aceitável. Mas nunca se deve mudar qualquer palavra ou acrescentar ou cortar ações. [...] Eles têm um autor e qualquer interferência será um tipo de deturpação, quase plágio, o que é um crime.

Referente a esse tipo de história, Abramovich (1997, p. 22) ressalta também que não se deve esquecer de informar as crianças que ela foi escrita por alguém e que o que ela ouviu está expresso num livro (se for o caso...) e que ela poderá voltar a ele tantas vezes quanto queira.

Portanto, mais do que passar lições de aprender para saber e para amanhã vencer na vida, a Literatura Infantil tem o poder de fazer com que a criança conviva com o imaginário na família e dentro das escolas de Educação Infantil. Se muitas vezes essa magia associada às práticas de contação de histórias não flui no âmbito familiar, é dever das instituições destinadas ao trabalho com a criança pequena, fazer acontecer essa relação de prazer e harmonia entre criança e Literatura.

3. VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A parte prática do presente trabalho, onde realizei uma vivência efetiva com contação de histórias, se deu numa turma de educação infantil na “Creche e Pré-escola Municipal Vovó Adalgisa”, situada no Bairro do Mutirão, município de Campina Grande-PB. Escolhemos uma instituição pública exclusiva para o trabalho com educação Infantil, por julgarmos ter pré-requisitos que pudessem facilitar o nosso trabalho junto às crianças, tais como: espaço amplo e favorável para práticas de contações de histórias fora da sala de aula, flexibilidade de horários e rotinas, ambientes diversificados (refeitório, dormitório, pátio com cobertura), além de ser meu ambiente de trabalho, o que certamente facilitou o desenvolvimento da proposta.

Para tanto, fez-se necessário uma coleta prévia de dados junto à instituição, com o intuito de caracterizá-la quanto aos aspectos físico, funcional, histórico e pedagógico, que julgamos fundamental para iniciar qualquer trabalho pedagógico.

A referida creche é considerada de médio porte, composta por quatro (4) salas de aula, dois (2) banheiros infantis, um (1) banheiro para funcionários, um (1) banheiro social, um (1) pátio coberto, dois (2) parques, uma (1) área para banho ao ar livre, um (1) espaço multifuncional, um (1) dormitório com trinta (30) camas, uma (1) sala de coordenação, um (1) almoxarifado, uma (1) lavanderia, uma (1) rouparia, jardim e uma (1) cozinha com dispensa. Além do Berçário, que possui um (1) dormitório com trinta (30) berços, um (1) lactário com dispensa, um (1) banheiro infantil, um (1) banheiro para funcionários, uma (1) rouparia, duas (2) salas de estimulação, uma (1) lavanderia, um (1) tanque de areia, um (1) solário e um (1) parquinho.

A creche funciona durante os turnos manhã e tarde, sendo que as crianças entre 0 e 3 anos estudam em horário integral e as crianças entre 4 e 5 anos estudam em apenas um turno.

Neste ano de 2011 foram matriculadas inicialmente 172 crianças distribuídas entre berçário, maternais e pré-escola I e II. De acordo com afirmação da gestora e observação realizada, o nível sócio-econômico das crianças é baixo, chegando algumas a viverem em estado de “extrema pobreza”.

Para o trabalho com todas essas crianças, a creche dispõe de vinte e cinco (25) professoras, sendo quinze (15) efetivas, sete (7) contratadas e três (3) efetivas

trabalhando em dois turnos. Quanto à formação desses profissionais, a gestora afirmou que “a maioria das professoras tem curso superior em Pedagogia e outras têm o Magistério... mas todas têm formação em educação.”

Em relação às condições funcionais da escola, sua equipe técnico-pedagógica está atualmente, e por tempo indeterminado (segundo a atual gestora), formada apenas por uma supervisora e uma assistente social.

Referente ao histórico da escola, pesquisamos junto a comunidade e funcionários, que a construção da creche no bairro partiu de uma grande necessidade da comunidade extremamente carente, onde a maioria das mães trabalham de catadoras no lixão municipal, localizado nas dependências do bairro. Essa reivindicação da comunidade foi representada pela moradora “Terezinha”, que lutou veementemente frente políticos e lideranças por essa conquista.

A creche foi inaugurada em março de 2002 na gestão do ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima, e recebeu esse nome em homenagem a então primeira dama do município “Silvia Almeida”, cuja uma de suas avós chamava-se “Adalgisa César Almeida”. A mesma teve sua estrutura recuperada em dezembro de 2005 pela atual gestão do prefeito Veneziano Vital do Rego.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da creche, sua filosofia defende uma concepção de criança vinculada à abordagem sócio-histórica que a considera um sujeito de direitos, detentora de singularidades. Ainda segundo o PPP, a creche procura considerar estes aspectos compreendendo o ambiente que a criança está inserida, reconhecendo que ela traz consigo experiências prévias vivenciadas no seu meio. Considerando esta vivência trazida pelas crianças, alguns questionamentos norteiam a prática dos profissionais que trabalham neste segmento.

No que diz respeito ao fazer pedagógico, o documento afirma que a aprendizagem da criança se constitui de forma significativa, em que ela é capaz de construir e reconstruir seu conhecimento interagindo com o seu meio e através das intervenções e mediações realizadas pelo professor. De acordo com esta ótica, a rotina sugerida na instituição deverá ser composta de alternativas que viabilizem um trabalho que atenda qualitativamente a criança.

A proposta de conteúdos está fundamentada no RCNEI, que destaca seus eixos temáticos, a saber: Formação Pessoal e Social e Conhecimento do Mundo. Este último, contendo seis conteúdos: Movimento, Música, Artes Visuais,

Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática que, de acordo com o PPP, permitem ampliar o universo da criança na construção de suas competências e habilidades.

Diante do exposto, podemos fazer uma análise geral da creche Vovó Adalgisa como um espaço bastante acolhedor e harmonioso, com ambientes arejados e alegres. É possível constatar, apesar de algumas práticas incoerentes com o seu Projeto Político Pedagógico, que o trabalho desenvolvido na mesma tem um lado muito encantador, revelado pela ludicidade de algumas atividades propostas e pelo entusiasmo com que as crianças as realizam.

Neste contexto, escolhemos a turma do Pré-I (manhã) para a realização da prática de contação de histórias. A turma é composta por 22 crianças com faixa etária entre 3 e 4 anos, com horário de funcionamento das 7:00 as 11:00 hs. Neste período em que estão na creche, as crianças tem a seguinte rotina estabelecida, mas não rígida: 7:00hs, acolhida e acomodação; 7:30hs, café da manhã; 8:00hs, rodinha e atividades dirigidas; 9:30hs, recreação livre fora da sala de aula; 10:00hs, higienização pessoal e retorno para sala de aula; 10:30hs, almoço, higienização bucal e despedida.

Vale ressaltar que nessa turma, colocamos em prática um projeto de contação de histórias com duração de duas (2) semanas. O objetivo era propor uma prática efetiva de contação de histórias, de forma que pudéssemos estar em contato com várias histórias, usando diversos recursos e explorando diferentes ambientes.

Iniciei o trabalho com as crianças seguindo as orientações de Eliane Debus (2006, p.21) que afirma que:

Para um trabalho efetivo com o texto literário no âmbito das instituições educativas, é necessário construir uma tríade produtiva e dialógica, isto é, em primeiro lugar o professor deve conhecer e inventariar o repertório literário que as crianças possuem, aquelas narrativas que trazem do espaço familiar e social; em segundo, deve haver o comprometimento do professor para ampliar o repertório inicial delas; em terceiro, que ele assuma responsabilidade de aguçar nas crianças a criatividade para a construção alargada de um novo/outro repertório.

Na tentativa de realizar esse inventário referente às histórias já ouvidas e vivenciadas pelas crianças, fiz, no primeiro dia de ação, uma rodinha de conversas em torno do tema. Comecei o assunto fazendo a seguinte pergunta: “O que é

história?”. Ficaram um pouco inseguros diante da pergunta, mas alguns disseram ser “um livro”, e outros complementaram: “... é o que a professora conta”. Então escrevi a seguinte frase no quadro branco: “Histórias que já ouvi”. Li a frase para eles e propus que escrevêssemos naquele espaço o nome de algumas das histórias que conheciam, ou seja, histórias que alguém já havia os contado. Nesse momento, começaram a citar histórias e mais histórias...



Relação das histórias conhecidas

Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Algumas das histórias citadas e devidamente registradas tratavam-se de títulos reais da Literatura Infantil, como “Chapeuzinho Vermelho”, por exemplo. Outras, porém, parece-me ser recortes de histórias que ficaram registradas da memória dos pequenos, como “História do Cachorro”.

Após esse momento de resgate, ainda na rodinha de conversas, falei-lhes da ideia de trazer uma história diferente a cada dia para ser contada de um modo diferente e num lugar da creche diferente. Como quem recebe uma boa notícia, as crianças responderam com grande euforia, chegando uma delas a gritar: “Oba!”. E assim iniciamos o trabalho.

Feita essa parte de inventário das histórias conhecidas pelas crianças, passamos a um segundo passo sugerido por Debus (2006) na citação acima: a ampliação do repertório inicial das crianças. De modo que, de posse das histórias advindas das experiências das crianças nos diversos meios, passamos a um planejamento efetivo com a escolha das novas histórias e o trabalho a ser realizado com cada uma.

Procurei escolher as histórias e atividades mais fantásticas e divertidas, pois eu já li (não lembro onde), que “planejar na Educação Infantil significa escolher o sonho”. De modo que elegi um sonho para cada dia, mas não de forma rígida, pois por algumas vezes, devido imprevistos, tive que adiar o sonho de hoje para amanhã ou mesmo antecipar a atividade que se imaginou fazer amanhã, por uma necessidade do momento. Em relação a isso, Jódar & Gómez (apud Redin, 2007, p. 87-88) defendem:

Planejar um trabalho com crianças deveria ser então permitir-se embarcar numa viagem sem programação, deveria, ser “experimentar e explorar outra educação, (...) criar novas formas de fazer, pensar e sentir, (...) escapando e resistindo à forma-homem que domina e codifica a educação dominante.

Muitas vezes as escolas enrijecem e limitam tanto o planejamento direcionado ao trabalho na Educação Infantil, que torna a atividade proposta tão previsível que acaba ficando sem graça... e a graça, na minha opinião, não pode faltar no dia-dia das creches e pré-escolas. Sendo assim, tentei ao máximo correr dessa prática, escolhendo as histórias e preparando o sonho a ser realizado através dela, mas deixando que ele ocorresse da forma mais natural possível. Contudo, é necessário fazer alusão a orientação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no que se refere às propostas de atividades posteriores aos momentos de contação de histórias para as crianças:

Práticas de leitura para as crianças têm um grande valor em si mesmas, não sendo sempre necessárias atividades subseqüentes, como o desenho dos personagens, a resposta de perguntas sobre a leitura, dramatização das histórias etc. Tais atividades só devem se realizar quando fizerem sentido e como parte de um projeto mais amplo. Caso contrário, pode se oferecer uma idéia distorcida do que é ler (BRASIL, 2008, p. 141).

De modo que as atividades eleitas para o trabalho com as crianças não tiveram um caráter pedagógico, mas, sobretudo, permitir “a leitura pelos sentidos”, sugerida por Debus e citada no segundo capítulo deste trabalho. Em momento algum, as atividades planejadas e apresentadas a seguir, objetivaram complementar a contação das histórias levadas às crianças, pois o foco do trabalho é a contação efetiva de histórias, ou seja, é a história pela história no cotidiano das Instituições de Educação Infantil.

No segundo dia de trabalho, levei para eles a história “A casa sonolenta” de Audrey Wood. Escolhi o dormitório da creche como local para a contação e o preparei antecipadamente: fechei algumas cortinas e coloquei um som baixinho com canções de ninar para remetê-los ao cenário real da história, que conta a rotina de uma casa onde todos vivem dormindo. O visual do local a saborear a história e o som sugestivo de sono facilita a apreciação de cada elemento da história, pois como afirma a própria Debus (2006, p.34): “O leitor aproxima-se do livro estimulado pelos cinco sentidos”. Apesar de informar o título do livro original da história e seu autor, confeccionei uma caixa de história para melhor ilustrá-la no momento da contação:



Momento da contação

Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Inspirados pelo clima favorável, convidei as crianças a vivenciar a história através de uma brincadeira de faz de conta: levei ursinhos e bonecas para o dormitório e sugeri que eram bebês sonolentos precisando de alguém que os ajudassem a dormir... E a brincadeira começou:



Brincadeira de faz de conta

Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Cada criança pegou o seu “bebê” e o ninou para dormir. Essa brincadeira de faz de conta faz com que a criança vivencie a história se colocando no papel dos personagens. Segundo Santos (2006, p. 7):

[...] atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR. Pela brincadeira, ela é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade.

Dessa forma, as crianças dramatizaram a história ouvida de uma forma bem espontânea e divertida. Cada um agiu de acordo com o que assimilou do enredo da história ouvida. Uns enrolaram o seu bebê, outros pediam silêncio aos colegas, cantarolavam canções de ninar, deitavam-se nas camas, demonstravam carinho e zelo com o objeto da brincadeira. Essa é a melhor forma de realizar uma dramatização com crianças pequenas, pois de acordo com Ferreira (2007, p.10):

As dramatizações com as crianças pequenas deveriam ser sempre espontâneas, tiradas de histórias contadas, situação cotidianas e situações imaginárias, uma vez que, nessa fase, a criança representa algo ausente por meio de símbolos. Nos jogos

simbólicos, ela faz “comidinha”, brinca de “mãe e filho”, todas as influências socioculturais se manifestam durante as brincadeiras e serão importantes para a sua formação.

O momento foi tão prazeroso que nós ultrapassamos o horário pré-estabelecido para o término da atividade e ainda ficamos com um gostinho de quero mais!

No terceiro dia de trabalho, levei a história “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Conduzi as crianças para a pracinha da creche para realizar a contação e, como recurso, utilizei uma luva de histórias. A referida história conta as tentativas frustradas de um coelho branco em igualar-se a cor e beleza de uma menina negra de cabelos cacheados e cheios de laços de fita vermelhos. Como forma de vivenciar a história junto às crianças, levei uma série de utensílios típicos de um salão de beleza para ser manuseado por todos.



Momento da contação e brincadeira de faz de conta

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Assim, como o cabelo da personagem era todo enfeitadinho, sugeri-os que arrumassem, também, os cabelos uns dos outros. A primeira cena mostrada na foto acima mostra a espontaneidade das crianças pelo prazer de ouvir uma boa história: o momento de contação na pracinha da creche ocorria simultaneamente ao horário de recreação no pátio das outras turmas da creche e, aos poucos, as demais

crianças foram se aproximando do cenário da contação e formando um grande círculo em volta da turma convidada a participar do momento. É importante ressaltar que assim como é atrativo e prazeroso o brincar para a criança, não menos é atrativo e prazeroso o momento da história. Como diz Elias José (2007, p.62): “Haverá brinquedo mais gostoso do que ler ou ouvir histórias?”.

Outro fato a ressaltar na história brincada, retratada acima, foi a interação entre meninos e meninas numa brincadeira que é vista pela sociedade como “feminina”. Todos, independentemente do gênero, pentearam e se pentearam, enfeitaram e se enfeitaram, sem o menor preconceito ou receio diante dos colegas. Isso ocorre devido a fantasia da brincadeira e do faz-de-conta. Segundo Santos (2006, p.91):

A criança reproduz na brincadeira a sua própria vida, utiliza o faz-de-conta para resolver situações que no real ela não é capaz. Assim, seus medos, angústias e inseguranças são, nesse momento, recriados a seu modo.

Daí a importância de se intrelaçar história e brincadeira, duas formas eficazes de remeter-se ao faz-de-conta, trabalhando os conflitos e anseios da individualidade de cada criança pequena.

No nosso quarto encontro, levei para o momento de contação a história “O peixe pixote”, de Sônia Junqueira. Outro momento marcante de ludicidade e encanto. A história conta as aventuras de um peixinho que vive muito insatisfeito no lago em que mora por ser tudo muito escuro e sem vida. Ele vive sonhando em morar no colorido do exterior do lago, quando descobre que, na verdade, seu lago não tem nada de escuro: ele havia nadado a vida toda de olhos fechados e não conseguia enxergar a beleza do local. A forma mágica que encontrei para possibilitar um mergulho na história por parte das crianças foi um tapete de história mutifásico: um lado escuro e sem vida e outro lado colorido e vivo.

Para diferenciar o momento, levei-os para ouvir e vivenciar a história na área da creche destinada ao banho externo. Um local bem sugestivo para o momento.



Momento da contação

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Os olhinhos das crianças brilharam quando virei, no meio da contação, o tapete de histórias do lado escuro para o colorido. Esse encantamento é explicado por Debus (2006, p.43) da seguinte forma:

Ao cirandar pelas linhas e entrelinhas de livros tão cheios de colorido e de vida, tão próximo das coisas prazerosas e gestos ternurizantes, por certo a criança pequena tecerá leituras e se constituirá leitor. Da leitura material do livro à leitura do texto (DEBUS, 2006 p. 43).

Isso implica dizer que esses momentos prazerosos de contação com livros criativos podem despertar na criança os interesses de, num futuro próximo, evoluir dessa leitura visual e auditiva para uma vivência íntima e particular com a literatura escrita.

E, prevendo que seria inevitável o contato das crianças com tantos peixinhos coloridos, resolvi direcionar um pouco a brincadeira após o momento de contação: confeccionei uma pescaria artesanal utilizando os personagens da história, de modo que os pequenos pudessem interagir, literalmente, com a história.



Brincadeira de pescaria

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Foi uma festa! Todos brincaram bastante. Como diz Santos (2006, p. 7): “Pela brincadeira ela é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade”.

No quinto dia de vivência, levei uma história muito apetitosa: “O sanduíche da Maricota”, de Avelino Guedes. Chamo a história de apetitosa porque brincamos de cozinheiros e cozinheiras ao longo de todo o momento da contação. A história conta o dilema de uma galinha chamada Maricota que é interrompida várias vezes pelos vizinhos no momento da preparação do seu sanduíche, onde cada vizinho resolve dar uma sugestão de ingrediente a ser acrescentado no sanduíche. Para tornar a história mais acessível ao contato físico das crianças, elaborei objetos alusivos ao enredo da história com matérias resistentes, como: TNT, EVA, espuma, isopor, tecido... Debus (2006, p.36) classifica esse tipo de recurso como “livro objeto” e afirma que:

[...] os livros com essa característica ocupam um papel próximo ao do brinquedo: a criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com um objeto que se identifica com a estrutura física do livro.

Dessa forma, as crianças tiveram a oportunidade de manusear cada um dos “ingredientes” do sanduíche da Maricota, além de tocarem e abraçarem a própria Maricota em forma de fantoche, usada na contação.



Momento da contação

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Depois do momento da contação, convidei as crianças a incorporarem a personagem principal (Maricota) e prepararem seus próprios sanduíches. Foi um momento muito rico de interação e descontração entre as crianças, um exemplo vivo da idéia do “livro comestível” proposto por Debus (2006).

Cada um preparou seu sanduíche com os ingredientes da sua preferência e o degustou com o prazer de tê-lo preparado com suas próprias mãos. Diante disso, faço o seguinte questionamento: Há forma melhor de vivenciar o enredo dessa história?



Degustação de sanduíches

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

No sexto dia do desenvolvimento do projeto, levei para as crianças um clássico da Literatura Infantil: “Os Três Porquinhos”. Nesse momento utilizei como recurso, o teatro de fantoches. Recurso esse que Debus (2006, p.81) caracteriza de “Formas Animadas” de contar histórias:

As formas animadas ilustram a narrativa e muitas vezes elas próprias podem ser as protagonistas, assumindo o papel de contados da história. Consideramos formas animadas: bonecos/fantoches, marionetes, máscaras, objetos. O professor que se sente inibido ou receoso de contar história encontrará nesse tipo de material um auxiliar mágico, como os tinha os heróis e as heroínas das narrativas maravilhosas.

Animar, diz o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975), significa “dar vida, dar animo, tornar mais vivo” a uma determinada coisa. É esse o papel assumido pelo teatro de fantoches no momento da narrativa: dá vida aos personagens, como defende a autora.



Momento da contação

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Por trás do teatro armado diante dos pequenos espectadores, os três porquinhos ganharam alma e puderam falar e interagir com as crianças. O Lobo Mal estava ali, diante dos seus olhos, e abria, realmente, sua bocarra na tentativa de devorar os porquinhos. Ninguém se dispersava, nem muito menos lembrava que a professora se encontrava atrás daquela estrutura. Todos apreciavam a história e procuravam interagir com os personagens. Foi um momento mágico!

No nosso sétimo encontro, o exemplar escolhido foi “O Sapo Bocarrão”, de Keith Faulkner. O mesmo dispõe de formas bem modernas que ilustram a história com dobraduras. Debus (2006, p.p. 37-38) denomina esse tipo de recurso de “livros vivos”:

Estruturas moveáveis, com abas que se levantam, trazem à cena personagens e objetos: molas, dobras, papéis cartonados e resistentes, imagem em alto relevo são algumas das possibilidades e artimanhas na confecção desses livros. Os livros-vivos provocam o que Perrot denomina de “destramatização do ato de ler” através das estratégias que cativam o leitor sem fins que não os do prazer.

O livro narra diálogos entre o Sapo Bocarrão e outros animais. O sapo é muito guloso e vive perguntando aos outros animais o que gostam de comer. Em cada página o livro trás uma dobradura moveável de um dos personagens, o que provocava um grande encantamento nos pequenos, como defende a autora acima citada.



Momento da contação

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Vale ressaltar que não é a intenção do presente trabalho, desprezar o livro em sua forma tradicional, mas mostrar que, para a criança em idade de Educação Infantil, quanto mais o objeto livro estiver associado ao objeto brinquedo, maior será o interesse da criança pela história a ser ouvida. Fazendo minhas as palavras de Ferreira (2007, p. 15), “É importante que o livro faça parte da vida dos pequenos e que seja utilizado por eles como uma atividade recreativa, um brinquedo”. De modo que é difícil associar um monte de páginas cheias de letras e sem nenhuma cor com um possível brinquedo.

Ainda associando a história a um brinquedo divertido, levei as crianças para o pátio e brincamos de tiro ao alvo utilizando o “Sapo Bocarrão” feito de caixa de papelão. De uma em uma as crianças eram desafiadas a jogarem bolas, à distância, dentro da boca do sapo guloso. Foi muito divertido...



Brincadeira de tiro ao alvo

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

No oitavo dia de prática na turma, levei uma proposta bem diferente para contar a história “O Lobo e os três carneirinhos” de André Koogan Breitman. A história narra as aventuras de três carneirinhos que tentam atravessar uma ponte, que serve de abrigo para um lobo mal, em busca de comida sem serem devorados. Para a ilustração da história não usamos nenhum material industrializado ou pré-confeccionado. A história foi contada com o que chamo de “material alternativo”. Usando a criatividade, peguei, juntamente com as crianças, alguns objetos da própria sala de aula para simular a forma física dos elementos da história. De modo que o grampeador se transformou em lobo mal, a ponte foi feita com uma tira de papelão e os carneirinhos foram representados por três chumaços de algodão. E

para finalizar o nosso trabalho com a história, fizemos um grande painel coletivo em sua alusão para expor na sala de aula.



Momento da contação e painel produzido coletivamente pela turma

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

O fato de as crianças terem participado da escolha do objeto para cada personagem, talvez tenha contribuído para uma aceitação tão grande de elementos não convencionais na hora da contação de histórias. Ficou bem claro na cabeça de cada um o que representava cada um dos personagens da história. Uma criança chegou a fazer o seguinte comentário: “Olha o tamanho do bocão do lobo!”, apontando para o grampeador na minha mão. Essa forma de contar com objetos bem simples e de fácil acesso, vem desmistificar a idéia de complicação em inovar na hora de contar histórias. Não é preciso tanto investimento financeiro ou de tempo para planejar um momento diferente de contação para nossos alunos. É preciso apenas criatividade. Ferreira ressaltou a importância da criatividade para a educação quando citou Sans:

A educação sem criatividade não é uma educação plena. Principalmente ao sabermos que o pensamento criador contribui de forma fundamental para assimilação de informação e habilidades educacionais (SANS apud FERREIRA, 2007, p. 7).

A criatividade pode ser responsável por momentos muito prazerosos e divertidos em relação a vivência da Literatura Infantil com nossas crianças.

No nono encontro com as crianças, tentei colher um pouco dos frutos da nossa experiência ao longo desses dias de muita história contada. Levei uma proposta onde eles seriam os contadores junto comigo, na construção de uma história coletiva. Como afirma Perrotti, citado por Debus (2006, p. 21), “Pensamos na criança recebendo (ou não recebendo) cultura, e nunca na criança fazendo cultura ou, ainda, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo”. Com isso, objetivei proporcionarmos esse momento mútuo de absorção e produção de cultura. Para tanto, realizei uma atividade na sala de aula que pode ser muito bem traduzida pela afirmação de Cruz (2008, p.128):

A escola pode ser um baú de histórias bem aberto para o mundo; o professor e as crianças podem ser esses narradores e aprendizes de si mesmos, capazes de buscar o que há de mais rico no humano: a troca de experiências.

De modo que, literalmente, levei um baú cheio de elementos constituintes da possível história a ser construída e narrada pelos próprios espectadores. Coloquei dentro do baú elementos como: boneca, corda, bola, cestinha de palha, carrinho... Ao montarmos a rodinha na sala, disse as crianças, mostrando o baú fechado, que naquele dia havia preparado uma novidade: a turma é quem iria contar a história. Eles demonstraram-se surpresos e uma criança perguntou: “E a gente vai contar com quê?” e eu respondi: “A história que vocês irão contar está aqui dentro deste baú. Vou puxar os objetos um a um e vocês podem ir contando a história.” E a brincadeira começou... O primeiro elemento que puxei foi uma casinha de brinquedo. Sem que eu pronunciasse uma só palavra, uma das crianças iniciou o enredo: “Era uma vez uma casa...”. Foi fantástica a forma como eles entenderam a proposta logo no primeiro momento, sem maiores explicações. Depois puxei uma boneca de dentro do baú e outra criança continuou: “E nessa casinha morava uma boneca...” E foi assim com cada elemento que ia sendo mostrado. A história ia

ganhando forma e, embora o enredo fosse se formando de uma maneira totalmente inusitada, a história tinha uma seqüência lógica e era totalmente compreensível. A medida em que a história ia sendo contada pelas crianças, eu ia registrando-a no quadro branco. Ao fim da contação, transcrevemos a história numa cartolina e li para as crianças, que se divertiram em ouvir sua própria história.



Momento da história contada pelas crianças

Fonte: Arquivo pessoas da professora/pesquisadora

Essa facilidade das crianças em produzirem suas próprias histórias, pode ser associada a uma boa vivência com a Literatura Infantil, sob a forma da contação de histórias. Segundo Debus (2006, p.75):

O contar histórias pode influir diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser

exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade.

E o que não faltou no enredo da narrativa das crianças foi criatividade. Tive que conter a minha surpresa durante as colocações de umas crianças. Um fato bem curioso foi que uma das crianças da turma, que nunca interagiu nos momentos de contação, participou efetivamente na construção. A idéia de estrutura das histórias, facilitada pelas experiências de leitor-ouvinte e defendida pela autora, pode ser constatada pela forma com que as crianças iniciaram e terminaram a história. Eles iniciaram com o clássico “Era uma vez” e espontaneamente terminaram a história, por sugestão de uma das crianças, com uma frase que costumo usar ao fim nas minhas contações: “E acabou-se o que era doce!”

No décimo e último dia da prática junto às crianças, apenas realizamos uma avaliação conjunta da experiência com as histórias contadas a cada dia. Sem nenhuma objeção, todos afirmaram ter gostado muito de cada uma das histórias. Uns citaram sua história preferida e os locais que mais gostaram de ouvir a história.

Assim, de acordo com os relatos do último encontro com as crianças, posso considerar que a experiência foi riquíssima, em todos os aspectos. Não vejo nenhum ponto como negativo, porém, posso citar como ponto positivo e algo que facilitou muito a realização dessa prática, a flexibilidade de espaços e horários dentro da instituição que a acolheu. Era só imaginar e por em prática. Exploramos todos os espaços e horários desejados sem nenhum empecilho.

Espero confiantemente que esse resgate do hábito de contar e ouvir histórias dentro daquela turma de Educação Infantil possa instigar em alguns daqueles pequenos, um futuro contador de histórias apaixonado pela literatura, assim como eu e tantos autores, escritores e anônimos citados ao longo desse trabalho. E, para concluir, finalizo meu texto com a mesma frase que o iniciei lá no primeiro capítulo. O Ditado Popular sempre usado por meu avô ao fim de cada uma das rodas de histórias que proporcionava aos seus muitos netos, inclusive eu: “Quem conta um ponto aumenta um ponto!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho veio confirmar nossas expectativas acerca do trabalho com contação de histórias junto as crianças da Educação Infantil, constituindo-a como prática fundamental para o desenvolvimento da criança nos aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural.

A forma como iniciamos o trabalho, apresentando um breve levantamento das práticas de contação de histórias que foram se eternizando e ao mesmo tempo se modificando ao longo dos tempos, buscando um resgate das antigas rodas de histórias orais até as práticas mais modernas dos dias atuais, nos comprovou a importância das histórias contadas, ouvidas e assistidas, para a evolução do ser pensante no seio da humanidade. Esse resgate das histórias vivenciadas ao longo do tempo, foi de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa, pois nos deu subsídios para a ação a ser desenvolvida junto as crianças.

Os autores aqui citados permitiram-nos fundamentar a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, confirmando uma vivência saudável com a literatura, como aspecto fundamental para a boa formação do sujeito leitor em cada criança, além de trazer uma proposta de inovação para os momentos de contação de histórias na sala de aula, a cerca de criatividade e diversidade de recursos e estratégias nas vivências com literatura no âmbito escolar.

A escolha por uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, nos permitiu realizar um trabalho efetivo com vivências de contação de histórias junto a turma do Pré – I (manhã), da Creche Municipal Vovó Adalgisa, sendo possível assim, fazer um resgate das histórias que as crianças ouviram em casa, na comunidade e na própria escola estabelecendo relações com a sua forma de ouvir, pensar, falar e o modo de ser do grupo social em que está inserida.

Esse inventário das narrativas vivenciadas pelas crianças em comunidade, norteou nossos esforços em ampliar o repertório inicial delas através das propostas de contação realizadas na turma. Da mesma forma que, a ampliação desse repertório inicial de histórias pela pesquisa, possibilitou aguçar nas crianças a criatividade para a construção alargada de um novo/outro repertório. De forma que, ao fim da prática junto as crianças, as mesmas demonstraram bastante a vontade

para contar suas próprias histórias com estratégias bem peculiares diante da turma de colegas/expectadores e cooparticipantes dos momentos de contação pela turma.

Acreditamos que a pesquisa aqui apresentada constitui-se como de extrema importância acadêmica, visto que veio enfatizar as pesquisas já existentes e aqui citadas, sobre a contação de histórias na Educação Infantil, podendo tornar-se mais um subsídio para que educadores em Educação Infantil possam romper com o tradicionalismo na hora de propiciar vivências com a literatura para suas crianças, a fim de priorizarem mais o prazer e o divertimento que o pedagógico dentro das rodas de histórias no cotidiano escolar.

Por fim, como pedagoga, o desenvolvimento desse trabalho representou um grande avanço na minha formação, ao mesmo tempo que veio a aguçar meu interesse em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da criança em fase de Educação Infantil, minha área de interesse profissional.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. 5. ed.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **A centralidade da maternagem na relação pedagógica da educação infantil: o discurso de docentes e famílias usuárias de creche**. 130 f. Dissertação de Mestrado – Campina Grande, PB. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF Vol. 1,2 e 3 – 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. 5. ed.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CRUZ, Bernardo Arraes Gonzáles. **Imagina enquanto eu te conto**. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.) **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: Papirus, 2008.
- DEBUS, Eliane. **Festaria da brincança: a leitura literária na sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2006.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Wark, 2007.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2005. 4. ed.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas S.A, 2009.

GOLDEMBERG; Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil**: ler, cantar e encantar as crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Infantil**: a fantasia e o domínio do real. Teresina: UFPI, 2001.

REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda. **Infâncias**: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEBEROSKY, Ana; COLOMBER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artimed, 2002.